

## Os sonhos da criança Ava-guarani: circulação de saberes e autonomia da infância indígena através da participação na experiência onírica na aldeia Ocoy/Pr

Denize Refatti

Mestra em Antropologia Social pela Universidade Federal de Santa Catarina

[denizere@hotmail.com](mailto:denizere@hotmail.com)

### Resumo

Este artigo discute os modos como os Ava-guarani vivenciam a experiência do sonhar e os seus desdobramentos no cotidiano da aldeia Ocoy, localizada no oeste paranaense. Partindo do princípio de que as maneiras de experienciar os sonhos e suas interpretações não são universais, busca-se discutir principalmente sobre o modo como as crianças Ava-guarani vivenciam o onírico, enfatizando sua autonomia e participação neste universo, como aprendem a sonhar e o que aprendem com seus sonhos. Apresento uma breve discussão sobre a infância indígena e sobre o modo como as crianças são iniciadas na experiência do sonhar, a partir da análise de dois desenhos e de narrativas oníricas feitas por algumas crianças do Ocoy, durante minha pesquisa de mestrado. Destaca-se ainda que experiência onírica pode ser entendida enquanto fonte de conhecimento, uma vez que a atividade de sonhar para os Guarani é algo que se aprende e se ensina, ou seja, a experiência onírica é também um processo importante de transmissão de saberes, iniciado ainda na infância.

**Palavras-chave:** infância; sonhos; conhecimento; Ava-guarani; criança indígena

### Abstract

This article discusses the ways in which the Ava-Guarani experience dreaming and its unfolding in the daily life of the indigenous village Ocoy, located in the west of Paraná. Assuming that the ways of experiencing dreams and their interpretations are not universal, we aim to discuss primarily how Ava-Guarani children experience the dream, emphasizing their autonomy and participation in this universe, how they learn to dream and who they learn from. I present a brief discussion of Indigenous childhood and how children are initiated into the dreaming experience

from the analysis of two drawings and stories of dreams made by Ocoy children during my master's research. It should also be noted that dreaming experience can be understood as a source of knowledge, since the activity of dreaming for the Guarani people is something that is learned and taught, which means that dream experience is also an important process of transmitting knowledge, begun already in childhood.

**Keywords:** childhood; Indigenous children; dreams; knowledge; Ava-guarani.

### **O aprendizado dos sonhos com os Ava-guarani: desdobramentos da pesquisa de campo e algumas reflexões iniciais**

A reflexão aqui exposta foi construída a partir de desenhos e narrativas feitos por crianças Ava-Guarani durante minha pesquisa de mestrado, que teve como objetivo principal compreender as relações existentes entre os sonhos e algumas formas de conhecimento, que se refletem em ações e decisões do cotidiano entre os Guarani do Tekoa Ocoy em São Miguel do Iguazu, município do oeste paranaense, localizado próximo à tríplice fronteira entre Brasil, Paraguai e Argentina.

Durante os quase quatro meses em que convivi com os Ava-guarani no Ocoy, escutei narrativas de sonhos de muitas pessoas, homens, mulheres, jovens, idosos, xamãs, ouvi sobre sonhos que pressagiam mensagens, e sobre sonhos considerados sem importância. Meu intuito era o de compreender a experiência do sonhar entre os Ava-Guarani, e para tanto, eu não poderia ignorar o fato de que as crianças também vivenciam essa mesma experiência que os adultos, e também tinham muito a contar sobre suas viagens oníricas e sobre as interpretações criadas para cada uma delas. Portanto, ao levar a sério o que as crianças tinham a me falar sobre seus sonhos, reuni um compilado de informações para construir este artigo, cuja proposta é apresentar algumas considerações sobre o modo como as crianças Ava-guarani vivenciam a experiência onírica, destacando suas interpretações e as maneiras como os sonhos são utilizados nos processos de produção e circulação de saberes, ou seja, como e em que momento as crianças aprendem a sonhar, e o que são capazes de aprender durante o tempo em que estão sonhando e quando discutem os sonhos.

Considerando que os sonhos são experiências coletivas que envolvem um conjunto de atividades, e possibilitam o acesso a um plano cosmológico que orienta a vida cotidiana, lanço mão da expressão “universo onírico”, no intuito de contemplar todos os elementos que se relacionam aos sonhos, ou seja: predisposições, técnicas corporais, significações, interpretações, reconhecimentos, religiosidade, os modos de ser e sua importância na produção da pessoa Ava-guarani. Destaca-se o contexto em que o sonho é produzido,

onde é compartilhado e interpretado, e principalmente como a experiência onírica pode ser entendida enquanto fonte de conhecimento, uma vez que a atividade de sonhar para os Guarani é algo que se aprende e se ensina, ou seja, a experiência onírica é, também, um processo importante de transmissão de saberes, que ocupa um lugar essencial nas dinâmicas cotidianas ainda na infância. Este trabalho reforça, ainda, a importância dos sonhos como eixo analítico para a antropologia, como aponta Laura Graham (2018) em sua pesquisa com os Xavante, que compartilham seus sonhos, transformando uma experiência subjetiva e exclusivamente pessoal em uma experiência coletiva, socialmente compartilhada através da performance de repetições de canções-sonhos.

Neste sentido, estudos sobre educação indígena que apontam para a relevância dos processos nativos de transmissão de saberes, também reforçam a importância dos sonhos como um campo pouco explorado, embora fundamental para compreender processos indígenas de ensinar e aprender. De acordo com Antonella Tassinari (2008, p. 238), a aprendizagem por meio dos sonhos merece destaque porque há vários exemplos etnográficos referentes a situações em que os neófitos são treinados para sonhar, revelando o “sonho como uma fonte legítima e importante de saber”.

A respeito do universo e da cosmologia xamânica, Langdon explica que o invisível produz impactos sobre a vida diária, e assim os sonhos podem contribuir para a compreensão de forças ocultas e influenciar acontecimentos, “são mediadores entre o conhecido e o desconhecido” (1999: 39), e por essa característica funcionam como uma ferramenta importante na compreensão de acontecimentos comuns do cotidiano, bem como no que se refere à esfera do sagrado. Os sonhos constituem o acesso a outra dimensão da realidade, um complemento da percepção humana que sua cultura define como existente (Bartolomé & Barabas, 2013). Longe de ser considerado apenas uma necessidade fisiológica do nosso corpo, o sonho é uma viagem da alma, ou seja, no caso guarani, uma viagem do *nhe'e* (alma) que, aproveitando-se do descanso de nosso corpo, percorre os caminhos do sagrado, onde pode encontrar com o *nhe'e* de outras pessoas, de parentes que moram longe, de parentes que já habitam o mundo dos mortos e, em alguns casos, inclusive com *Nhanderu*<sup>1</sup>.

A experiência onírica perpassa diferentes instâncias da vida no Ocoy, sendo um instrumento importante da religiosidade guarani e de grande domínio de especialistas como o *chamo'i*<sup>2</sup> ou a *chara'i*, exímios conhecedores do universo dos sonhos e que,

1 *O nosso pai* - Deus máximo na religiosidade guarani.

2 Os *Chamo'is* (masculino) e *chara'is* (feminino) são os especialistas do xamanismo guarani. No Ocoy, usa-se pouco a palavra pajé, porque os Guarani a relacionam com atividades de bruxaria, “feitiços de maldade” e outras atividades que não condizem com a verdadeira missão xamânica, de proferir belas

portanto, são frequentemente procurados para ajudar na interpretação destes, o que não exclui a possibilidade de pessoas consideradas comuns também se debruçarem sobre a experiência onírica de modo a teorizar os sonhos avisos, conhecer remédios, cantos e rezas, bem como se comunicar com *Nhanderu* e com os mortos através do sonho, podendo ainda ser capazes de interpretar a maioria deles.

Dois papéis diferentes se destacam na dinâmica de compartilhamento dos sonhos, o sonhador que narra seus sonhos e os ouvintes, ou seja, as pessoas que se disponibilizam a escutar atentamente as narrativas oníricas, para posteriormente contribuir com interpretação das mesmas através de palpites, se assim julgarem conveniente. Porém, não há uma necessidade efetiva de que as pessoas que estão ouvindo os sonhos façam comentários sobre ele, muitas vezes há apenas longos minutos de silêncio e reflexão que intercalam as narrativas de um e outro sonhador.

Para que os sonhos possam efetivamente transmitir mensagens é necessário o conhecimento de uma série de técnicas relacionadas à capacidade de sonhar. Primeiramente os Guarani entendem que o corpo e a alma devem estar preparados para o sono, que precisa ser confortável e tranquilo, de preferência sem barulhos e interrupções. Posteriormente, ao acordar devem refletir sobre o sonho que tiveram, relembrar em detalhes cada imagem ou diálogo vivenciado enquanto dormiam; também é de fundamental importância que prestem atenção em todos os atos a que dão seqüência ao acordar, por que um pequeno detalhe pode mandar todas as imagens dos sonhos embora, fazendo-lhes esquecer do que sonharam.

Nesse sentido, preparar o corpo para o despertar é tão importante quanto preparar o corpo para a chegada dos sonhos, para tanto, executam uma série de técnicas específicas que devem ser desempenhadas com a missão de não esquecerem dos sonhos ao acordar e para que estes fiquem gravados na memória por mais tempo. Geralmente, estas técnicas são bastante comuns, mas observa-se que algumas pessoas não compartilham das mesmas técnicas que a maioria, e as desenvolvem de maneira própria, de modo que façam sentido individualmente ou para sua família. Graziela, uma jovem Guarani, me explicou que seu sonho vai embora se ela acordar e escovar os dentes antes de lembrar-se do sonho que teve, enquanto que para seu pai, Luciano, a única coisa que o impede de lembrar dos seus sonhos é escutar o rádio assim que acorda, porque tudo se confunde e ele não consegue mais lembrar do que sonhou durante aquela noite.

Algumas pessoas destacaram que, ao acordar, é preciso rememorar o sonho antes de passar a mão no cabelo, de pisar no chão, de comer ou beber qualquer coisa e antes de

---

palavras e curar doenças.

lavar o rosto. Quando vão dormir, também precisam seguir algumas regras para ter bons sonhos: devem tomar cuidado para não dormir com o braço embaixo da cabeça, estar com a cabeça e o pescoço livres, ou seja, sem nenhum tipo de adereço como colares, bonés ou chapéus, e devem preferencialmente adormecer com a barriga voltada para cima, de modo a facilitar a saída do *nhe'e*.

A partir desses exemplos, é possível entender o corpo como um dispositivo, no que se refere a toda a experiência onírica, de forma que a sua manipulação possa influenciar no conteúdo dos sonhos e na sua lembrança. A aplicação e a eficácia deste conjunto de técnicas são reconhecidas por todo o grupo, da mesma forma que reconhecem a multiplicidade de formas, causas e efeitos de cada uma. No entanto, os Ava-guarani sabem que em alguns momentos, mesmo seguindo este roteiro corporal, antes e depois do sono, o resultado que esperam de seus sonhos pode não ocorrer e o principal motivo para que isto aconteça é que naquela noite eles provavelmente tiveram apenas sonhos à toa, ou seja, sonhos considerados sem nenhuma importância e que por isso não necessitam ser lembrados.

Em conversa sobre estas técnicas e o desejo dos Ava-guarani de terem sonhos provados, Senhor Luciano me explicou que ele mesmo não gosta de sonhar “certo”, porque esses sonhos trazem preocupação, precisam ser rememorados e demandam até uma semana de cuidados nos casos em que preveem algo que poderá ser evitado.

Se eu sonho muito, fico toda a hora preocupado, angustiado, isso também não é bom não. Por isso que tem vezes que eu prefiro nem sonhar, aí eu não me importo e não fico cuidando pra fazer as coisas certas do sonho (Luciano, 21/05/2013).

Da mesma maneira que estas técnicas são utilizadas para atrair bons sonhos, ao deixarem de ser executadas, surtem efeito contrário, afastando os sonhos ou atraindo apenas os sonhos que eles consideram “à toa”, por se tratarem de sonhos que não possuem nenhum conteúdo entendido como importante. A fala de Luciano exemplifica a importância do domínio destas técnicas, porque cada gesto tem um significado e possibilitam aos Guarani controlar quase tudo o que envolve a experiência onírica, de modo que o aprendizado do controle dos corpos se reflete no controle dos próprios sonhos.

As crianças ouvem e aprendem sobre estas técnicas desde cedo e igualmente são estimuladas a contar seus sonhos e a escutar com atenção quando alguém está fazendo a narrativa de um sonho. Convém ressaltar que esta construção corporal não é fruto apenas de um esforço individual e consciente, mas o produto de uma prática que é ao mesmo tempo individual e coletiva, consciente e inconsciente (Mauss, 1935).

Nos momentos em que estão reunidos para compartilhar seus sonhos, os Guarani prestam muita atenção no que é falado, cada detalhe é importante de ser contado e ouvido, por isso é possível afirmarmos que há um ritmo corporal específico das pessoas envolvidas nesta dinâmica. Despertam cedo e de forma muito silenciosa começam suas atividades: buscam lenha para o fogo e preparam o chimarrão, as crianças se acomodam próximas ao fogo enquanto o *reviro*<sup>3</sup> é preparado, geralmente pela mulher mais idosa da casa. Fazem tudo sem pressa alguma e quando acomodados e aquecidos pelo calor do fogo, permanecem em silêncio por muitos minutos, quietos, olham para baixo, para o fogo, ou para o horizonte. São “corpos que falam em silêncio”, como destaca Clarissa Melo em sua pesquisa sobre escola, corpo e tempo entre os Guarani (Melo, 2008).

O ato de ouvir está envolto de grandes cuidados, em todos os momentos da vida guarani: “mesmo quando ninguém está falando nada, nós estamos ouvindo”. Esta fala de Casimiro explica muito bem, a leitura que os Guarani fazem do silêncio e a atenção que disponibilizam quando alguém está contando um sonho. É a importância do ouvir, que, de acordo com Melo, está intimamente ligada à etimologia da própria língua guarani:

Retomando a palavra guarani que significa ouvir *-endu* - percebemos na prática seu significado que também pode ser traduzida como de sentir. Eles prestam muita atenção às palavras que pronunciamos, de modo a sentir o que será necessário fazer, quais as atitudes a tomar (Melo, 2008: 114).

É preciso ouvir mais que o conteúdo dos sonhos que são contados, assim, os Guarani ouvem a pessoa que está contando um sonho, no sentido de que todos os elementos presentes nessa experiência, inclusive os gestos corporais, são importantes para uma boa interpretação de um sonho. Torno a ressaltar que, esta não é apenas uma habilidade individual, mas algo que se desenvolve e se pratica coletivamente, porque a técnica é fruto de um processo social e não pode ser compreendida fora desse processo (Grando, 2004).

Segundo Grando, nas sociedades indígenas a educação do corpo faz parte da educação da pessoa, trata-se de educar o corpo para ouvir e falar, um conhecimento que marca mais profundamente a criança do que outras formas de educação e que, nas sociedades ameríndias, ocorre no cotidiano das relações sociais ao longo de toda a vida, variando de sociedade para sociedade. A autora destaca assim que, a ação educativa

---

3 O *reviro* é uma das principais comidas consumidas no Ocoy, geralmente feita pela mulher mais velha da casa. No entanto, durante meu campo observei muitos homens e crianças preparando este prato, que é servido pela manhã e no final do dia, sempre acompanhado de café ou de chimarrão. Seu preparo necessita apenas de: farinha, água, sal e um pouco de óleo ou banha de porco.

possibilita um aprendizado que se dá pela autoridade e pela identificação estabelecida entre quem ensina e quem aprende e compreende os fenômenos de autoridade e tradição (2004: 60).

As crianças parecem não se importar com as conversas dos adultos, enquanto brincam descompromissadamente pelos arredores da casa, mas é dessa forma, escutando uma ou outra conversa, que começam a entender o quanto é importante escutar essas narrativas e aos poucos se arriscam contando os seus próprios sonhos, com a ressalva de que somente muito mais tarde é que começam a dar palpites na interpretação dos sonhos das pessoas mais velhas. Os Ava-guarani entendem que o sonho de uma criança é muito valioso, por isso, devem aprender desde cedo a entender o que significa sonhar, elas acordam e dizem que aprenderam, que brincaram, que viram coisas ou se encontraram com pessoas nos sonhos, e sabem diferenciar perfeitamente o que vivenciam na vigília e no sono.

Os sonhos estão no corpo, eles são mensagens transmitidas pelo *nhe'e* que ficam armazenadas no corpo de cada pessoa, por esse motivo os primeiros movimentos feitos ao acordar detêm tanto poder sobre eles;

Eu gosto de contar o sonho porque se eu não contar parece que tem uma coisa que fica me incomodando, quando a gente conta ele, ele sai da gente, sai do corpo da gente mesmo. Se eu não conto fico até com dor de cabeça, porque eu acho que é bem na cabeça mesmo que ele fica (Leandra, 02/04/2013).

No momento em que um sonho é compartilhado alivia-se o peso de carregá-lo sozinho, de modo que, ao incluir outras pessoas nessa experiência, os Ava-Guarani estão compartilhando também a responsabilidade de fiscalizar e de se preocupar com os cuidados necessários para que as coisas ruins vistas nos sonhos não sejam colocadas em prática.

A transmissão de conhecimentos e de técnicas corporais “se dá a partir da própria atuação das crianças, dos movimentos, das sensações e emoções que constroem esse momento” (Alvares 2013: 83). As crianças Ava-guarani aprendem a se relacionar com seus sonhos desde cedo no seu ambiente familiar, perguntam o significado de seus sonhos e assim vão construindo um conjunto de significações que fazem sentido para seus próprios quadros oníricos, do mesmo modo que aprendem sobre as técnicas corporais que se relacionam aos seus sonhos. Assim, vão percebendo se conseguem lembrar de seus sonhos, mesmo quando mexem no cabelo, ou se os esquecem quando dormem com a

cabeça apoiada em um de seus braços.

### **“Criança sonha mais forte ainda”: a criança Ava-guarani e seus modos próprios de ensinar, aprender e vivenciar os sonhos**

Antes de abordar mais especificamente sobre a atuação das crianças Ava-guarani no que se refere à experiência onírica, é necessário falar sobre o modo como as crianças são percebidas pelos adultos nas sociedades indígenas, ou seja, como se constrói a concepção de infância indígena.

Uma grande parte dos estudos antropológicos clássicos não reconheciam a criança como um ser pleno, percebendo-as como meras reprodutoras do mundo adulto, ou, quando são citadas aparecem de forma genérica, como coadjuvantes da vida adulta, o que revela um caráter adultocêntrico dessas obras, como apontam os estudos de Nunes (2002), Tassinari (2008), Cohn (2000) e outros pesquisadores. Entretanto, algumas produções recentes na antropologia se voltam ao aprendizado e à infância, ao passo que ressaltam a importância de se atentar para a participação ativa das crianças na vida social e na construção de sentidos a partir da sua vivência e interação. São estudos que possibilitam entender a infância como “um mundo relativamente autônomo que tem validade por si, nas experiências e vivências das crianças, e na forma como percebem o mundo em que vivem” (Cohn, 2000: 196). Estes estudos compreendem que o ambiente infantil é capaz de repercutir nas relações do cotidiano da vida adulta, além de se organizar por dinâmicas e regras próprias que definem o universo infantil como exclusivo e autorregulado, em lugar de um reflexo do mundo adulto.

Nesse sentido, o universo infantil também repercute na vida adulta assim como nas relações do cotidiano, mas não é raro percebermos pessoas, livros, ou mesmo programas de televisão, proferindo dicas sobre a melhor maneira de se educar uma criança. Manuais que ensinam os pais a criar seus filhos, como devem ser as repreensões, as manifestações de carinho, qual o melhor momento de matriculá-los na escola, de aprenderem uma nova língua ou de praticarem algum esporte, de modo que, nestes contextos, a criança é vista como um ser vulnerável, que precisa de cuidado, tutela e proteção. Do mesmo modo, entre as populações ameríndias há uma série de orientações sobre a melhor maneira de se educar as crianças, porém podem apresentar algumas diferenças se comparadas com as que acabo de listar. Como exemplo, destaco a preocupação dos pais com a iniciação das crianças com experiência onírica, e o esforço para que desenvolvam adequadamente a atividade de sonhar, e possam se comunicar com *Nhanderu* enquanto dormem.

Portanto, pesquisas voltadas para a infância indígena se fazem importantes, uma

vez que buscam desnaturalizar a crença numa infância frágil, descomprometida e vigiada, em detrimento de uma infância que pode ser autônoma, carregada de responsabilidades que influenciam nas relações sociais dos grupos que pertencem.

Nesse contexto, a criança é entendida como agente plena de competências e habilidades, capaz de construir suas relações e dar sentidos a elas. De acordo com Seára & Jesus (2016), as crianças possuem liberdade de percorrer diferentes espaços porque necessitam aprender sobre o mundo à sua volta, e sempre que demonstram interesse em determinada atividade, são incentivadas ao mesmo tempo que advertidas pelos mais velhos sobre os cuidados a serem tomados e, como já destaquei, adentrar no mundo da experiência onírica e dos seus significados é uma das diversas atividades com as quais os Ava-guarani entram em contato ainda na infância.

Ao falar sobre a importância dos sonhos para os Guarani, muitos pais falavam com orgulho dos sonhos de seus filhos pequenos: “Aquele ali já conta o sonho também”, “tem o meu pequeno que sonha certo, se alguma vez ele contar o sonho pode esperar que vai acontecer”. Essas falas demonstram que os sonhos das crianças não são menos valorizados que os sonhos dos adultos, e mais do que isso, as crianças são incentivadas a prestar atenção nas mensagens recebidas durante o sonho e a compartilhá-las, aprendendo também sobre as técnicas empregadas na experiência onírica.

A noção de que as crianças “sonham mais forte ainda” está relacionada à forma como os Ava-Guarani compreendem essa fase da vida e os cuidados necessários para a produção adequada de pessoas e também ao modo como percebem as falas das crianças quando estão contando um sonho, sem deslegitimar as imagens oníricas que apresentam ou considerá-los menores e com inferior importância.

Assim como os adultos, as crianças também acordam cedo e participam da dinâmica de compartilhamento dos sonhos, ouvindo os pais, avós e outros membros da família extensa guarani que narram pacientemente todas as aventuras vivenciadas durante o sono, esperando obter sugestões de interpretação para cada quadro onírico. Mesmo quando estão brincando próximas ao fogo ou comendo *reviro* elas se mantêm atentas e, vez ou outra, também se ariscam a contar o que viram enquanto dormiam, ou quando já estão um pouco maiores, a interpretar um sonho.

Quando uma criança narra um de seus sonhos, todos prestam atenção sem fazer distinção entre estes e os sonhos contados pelos adultos, porque entendem que “criança também sonha certo”, afinal as crianças ainda não estão contaminadas pelas “sujeiras do mundo” e “seus corpos ainda estão limpos”, de modo que, ao sonhar conseguem estabelecer uma conexão ainda mais intensa com o sagrado, especialmente porque têm a alma limpa,

livre de palavras e pensamentos que poderiam interferir na atividade de sonhar.

Buscando compreender um pouco mais sobre a relação que as próprias crianças estabelecem com seus sonhos, realizei a seguinte dinâmica com algumas crianças ava-guarani: num primeiro momento, pedi para que fizessem um desenho representando qualquer elemento que estivesse relacionado aos seus sonhos, imagens que viam enquanto dormiam ou mesmo sobre o modo como os sonhos eram entendidos no seu contexto familiar. Num segundo momento, sentados no chão, à sombra de algumas árvores, iniciamos uma roda de contação de histórias, onde as crianças puderam falar sobre os desenhos que fizeram e falar mais livremente sobre suas experiências com o universo onírico, que vivenciaram ou que escutaram de seus familiares.

Portanto, elegi dois desenhos confeccionados pelas crianças e suas respectivas explicações, apresentadas durante a contação de histórias, não para interpretar os seus sonhos/desenhos, mas para tentar compreender o modo como percebem seus sonhos e o papel que ocupam nas dinâmicas que envolvem a experiência onírica no Ocoy.



**Figura 1:** Sonho com cobras

Fonte: Denize Refatti (2013)

Este primeiro desenho demonstra um sonho muito comum no Ocoy, que são os sonhos com *mbói* (cobra), temidos por tratar-se de maus agouros, que pressagiam fofocas, intrigas e confusões. Uma grande cobra saindo de dentro da casa significa que alguém pode estar criando intrigas para algum membro da família. A criança autora do desenho me explicou que seu pai tem muitos sonhos com *mbói* e que sempre que conta um desses

sonhos, fica preocupado com situações ruins que podem vir a acontecer nos próximos dias. Contou-me que quando estes sonhos parecem muito reais, pressagiando que algo ruim realmente vai acontecer, ela e seus irmãos recebem conselhos dos pais e avós para não saírem de casa, brincar somente próximos a casa e algumas vezes nem vão para a escola.

Perguntei se ela mesma ainda não contava sobre os seus próprios sonhos, e sua resposta foi a seguinte: “Eu ainda não sonho nada”, explicando-me que quando seus sonhos começarem a aparecer, cabe a ela prestar atenção nos sinais enviados por Nhanderu e quando começarem a ser provados é o momento de comunicá-los e compartilhá-los com sua família também. Ao falar que “não sonha nada”, esta criança está se referindo ao modo como os Guarani separam seus sonhos, entre “sonhos provados” e “sonhos à toa”, como explicado anteriormente, ou seja, quem tem apenas “sonhos à toa” não sonha nada. Essa explicação demonstra que as crianças têm autonomia para decidir o melhor momento de adentrar no universo onírico, ou de não se interessarem por eles, se assim desejarem. Do mesmo modo, são autônomas nas interpretações e até mesmo nos cuidados a serem tomados em decorrência de um sonho.



**Figura 2:** Sonho com Canoa  
Fonte: Denize Refatti (2013)

Este segundo desenho, ilustra a interpretação dos sonhos com canoa que, de acordo com a maioria das interpretações oníricas ava-guarani, podem significar presságios de que alguém próximo, ou mesmo o sonhador irá falecer. A autora deste desenho, uma menina de 12 anos, me contou que freqüentemente tem sonhos com canoas e que por

isso escolheu desenhar ela mesma num caixão, porque ao despertar de um sonho como este, sente muito medo de que algo ruim possa acontecer com ela. No desenho, a criança representou também seu *nhe'e* deixando seu corpo agora sem vida para ascender ao céu. Representado a seu lado esquerdo, está a figura de Jesus Cristo, que ela me explicou ser “o mesmo *Nhanderu*, ele está sempre perto das pessoas que são boas e aqui (apontando para o desenho) está ajudando a minha alma a achar o seu caminho de volta para o céu”.

Tomando este desenho como exemplo, podemos refletir um pouco mais sobre o modo como as crianças estão inseridas na cultura Ava-guarani. No Ocoy as crianças não são “poupadas” de assuntos mais sérios, que em outras sociedades poderiam ser consideradas “assuntos de adulto”, tanto que podem participar das dinâmicas que envolvem o universo onírico, inclusive no que se refere aos sonhos considerados mais importantes e sagrados, como os sonhos de canoa, por exemplo. A participação social das crianças pode ser percebida nessa relação com seus sonhos, porque se trata de um contexto, o ameríndio, em que as “infâncias podem ser vivenciadas com maior liberdade e autonomia nos quais as crianças participam ativamente como atores plenos” (Tassinari, 2009: 01).

Ao entrarem em contato com o universo onírico as crianças também são inseridas nos processos de conhecimento guarani, já que sonho também é utilizado como instrumento no qual é possível tomar conhecimento do sagrado, aprender sobre músicas, cura de doenças, sobre os perigos aos quais estão expostos, sejam estes do mundo físico ou espirituais. Trata-se de um modo de conhecer que ocorre no tempo de cada criança, e do mesmo modo que elas não são excluídas do universo dos sonhos, elas também não são pressionadas a falar sobre eles; é algo que ocorre espontaneamente e, à medida que a criança começa a demonstrar interesse pelos seus sonhos, recebe grande incentivo de seus familiares.

Assim que passei a residir na aldeia com a família de Leandra, uma jovem mãe guarani, percebi que seus quatro filhos, todos pequenos, demonstravam muito interesse em saber o que eu estava fazendo ali, e porque estava a todo o momento perguntando para as pessoas sobre seus sonhos. Kambi, o mais jovencinho, gostava de se reunir com outras crianças para me imitar: com caderno, caneta, e um pequeno pedaço de madeira, que utilizava como gravador, perguntava aos coleguinhas sobre seus sonhos. Em algumas manhãs, enquanto tomávamos chimarrão em volta do fogo, ele me perguntava: “E a mim, você não vai perguntar o que eu sonhei hoje?”, em seguida iniciava suas narrativas, geralmente permeadas por grandes aventuras com aviões, cobras, ônibus, pássaros, onças e outros elementos, sobre os quais ele consultava a mãe para saber o que significavam ou, dava-me ele mesmo suas próprias interpretações.

Em nenhum desses momentos ele foi silenciado pela mãe, ou por outro familiar mais velho. Todos achavam engraçado o modo como ele estava se relacionando com seus sonhos devido a minha presença e minhas interpelações, mas era sempre escutado e suas narrativas interpretadas com a mesma preocupação e dedicação que interpretavam os sonhos dos adultos.

A partir do exposto, destaco que os desenhos apresentados, bem como as explicações dadas pelas crianças sobre seus sonhos, demonstram que elas não apenas dominam o repertório das interpretações dos quadros oníricos, mas também os compreendem como fundamentais para o “jeito de ser guarani”, respeitando-os quando advertidos sobre algo que poderá acontecer ou esperando por “coisas boas”, caso o sonho indique a visita de algum parente, passeios, dinheiro, entre outras. Deste modo, quando uma criança está aprendendo a se relacionar com seus sonhos, ela está aprendendo a viver o *Nhandereko*, ou seja, conhecendo e aprendendo a viver a cultura Ava-guarani.

Uma forma de vivenciar o *Nhandereko* e se relacionar com o Sagrado é a participação dos corais, nos quais as crianças participam ativamente, ocupando lugar de protagonistas e contumaz aprendizes, porque como afirma Oliveira, as crianças que participam do coral são portadoras de saber, musical e cosmológico, pois “tomam a posição de protetores, guardiões e guerreiros do grupo, categorias que possuem conotação sagrada para os Guarani” (2004: 63).

As crianças menores aprendem com as crianças maiores e com os mestres a executar os instrumentos, confeccionar os pequenos *petynguas*<sup>4</sup> que utilizam na *opy*, os passos, os cantos e, principalmente, tomam lições diárias de como viver o *nhandereko*. Na *opy* (casa de reza), onde se encontram diariamente para os ensaios dos corais também acontecem como que pequenas palestras, chamadas de *conselhos*, nas quais os mestres falam para as crianças quão importante é frequentar a *opy*, ouvir e seguir os conselhos, ter disciplina para aprender com os mais velhos e se concentrar, respeitando o que estão cantando e dançando.

Parte dos conhecimentos relacionados aos corais também pode ser adquirido nos sonhos, como a revelação de letras ou melodias dos cantos. Algumas narrativas, principalmente dos *chamo'is*, destacam que é possível aprender a tocar instrumentos musicais nos sonhos, de modo que, enquanto dormem, recebem a visita de outras pessoas que mostram como determinado instrumento deve ser executado e, ao acordar, repetem os movimentos experienciados nos quadros oníricos para treinar o instrumento. Esses

4 Cachimbo esculpido em madeira, geralmente em formas de animais, utilizado pelos *chamo'is* em todas as rezas, e também pelo demais moradores, inclusive pelas crianças que esculpem seus próprios cachimbos num tamanho bastante menor que os cachimbos dos adultos.

sonhos podem se repetir por muitas vezes, até que o sonhador realmente aprenda a tocar o instrumento. Podemos observar como essas dinâmicas se desenvolvem no sonho que destaco a seguir, no qual uma menina ava-guarani de 11 anos explica como aprendeu um dos cantos executados no coral em que ela participa.

“Um dia eu tive um sonho que eu nunca tinha sonhado, era um chamó'i cantando para mim e falou assim: Não deixe os seus colegas porque um dia eles vão ser importantes como se fosse a sua família de verdade. Quando eu acordei, falei pro meu tio, e até hoje nós cantamos ele (o canto) no coral”.

Nesses termos, torna-se possível a compreensão de que os sonhos são reconhecidos pelos Ava-guarani como fontes legítimas de transmissão de conhecimento, recebendo o mesmo valor que qualquer outra forma de saber, podendo ser acessados por qualquer pessoa que assim o desejar, incluindo as crianças, que se relacionam com a experiência onírica de forma própria e autônoma.

Assim, apresento alguns sonhos e suas significações que foram citados pelas crianças durante uma oficina lá conduzida, com o intuito de demonstrar que as chaves de interpretação dos sonhos não são de domínio apenas dos adultos, e que além disto, as crianças me apontaram vários sentidos para seus quadros oníricos, que não me foram apontadas durante as conversas com os adultos. São exemplos destas interpretações: sonhos com arma de fogo, que significam que algum amigo irá se mudar; sonho com tigres que significam que alguma criança poderá ficar doente; “sonho com alguma menina que não gosta de mim”, que significa que “a menina gosta muito de mim”; sonhos com “eclipse” que significam “sangue”; sonhar em “ser flagrado fazendo as necessidades”, que significa que a pessoa poderá passar uma vergonha em público; sonhar com ônibus pode significar doença; sonhos com avião significam que alguém irá falar coisas boas; sonhos com casca de banana, que significam doença e morte; e sonhos com jacaré, que são interpretados como problemas com a polícia.

Nesse sentido, Clarice Cohn (2009, p34) destaca que as diferenças entre o conhecimento dos adultos e das crianças não é quantitativa, mas qualitativa, de modo que a “criança não sabe menos que os adultos, mas sabe outra coisa”. Portanto, minha intenção ao apresentar estas chaves de interpretações não é reificar o significado de cada quadro onírico, mas destacar que, apesar das crianças compartilharem da compreensão dada pelos adultos aos seus sonhos, elas também criam as suas próprias compreensões e interpretações, de modo que possa existir também um universo onírico das crianças Ava-

guarani.

### **Considerações finais**

As considerações apresentadas sobre a maneira como os Ava-guarani falam dos seus sonhos e sobre a maneira como as crianças aprendem a seu relacionar com essa experiência, vão ao encontro do que propõe Cohn (2009) ao afirmar que a diferença entre o conhecimento dos adultos e das crianças não é quantitativa, mais qualitativa, de modo que a “criança não sabe menos que os adultos, mas sabe outra coisa”. Portanto, levando a sério o que as crianças têm a falar sobre os seus sonhos, ressalta-se a importância de se atentar para a participação ativa das crianças na vida social e na construção de sentidos a partir da sua vivência e interação, contribuindo com os estudos da chamada antropologia da infância, que possibilitam entender a infância como um mundo relativamente autônomo que tem validade por si, nas experiências e vivências das crianças, e na forma como percebem o mundo em que vivem. (COHN, 2000: 196). Estes estudos valorizam o importante papel de agência às crianças, sendo o ambiente infantil capaz de repercutir nas relações do cotidiano da vida adulta, além de se organizar por dinâmicas e regras próprias que definem o universo infantil como exclusivo e autorregulado, em lugar de um reflexo do mundo adulto, como era compreendido.

A partir da compreensão dos sonhos, observa-se que as crianças possuem maneiras específicas de enxergar sua sociedade, que é expressa pelas suas atitudes diante dos adultos e de outras crianças e que revelam importantes facetas da cultura em que estão inseridas. Nesse contexto, as crianças não são percebidas como meras reprodutoras da vida adulta, mas como relevantes agentes sociais, ou seja, seres sociais plenos (CODONHO, 2009). Os sonhos para os Ava-guarani são experiências coletivas e compartilhadas, assim, busca-se demonstrar que a transmissão de saberes relativos aos sonhos ocorre já na infância, ao passo que são compartilhados no fogo familiar, com outras pessoas da aldeia, e durante as dinâmicas religiosas, ou seja, a experiência onírica é uma modalidade de conhecimento que, de acordo com Barth (2000), é gerenciado na interação social, portanto, produz formas culturais e reproduz a vida social.

Diferente do que ocorre com algumas formas de conhecimento disponíveis apenas aos envolvidos, como nos processos xamânicos, Santos-Granero (2006) explica que os sonhos podem ser acessados por qualquer pessoa, seja ela homem ou mulher, velha ou jovem, o que se dá em decorrência do seu caráter de compartilhamento que contribui também para que o conjunto das técnicas e saberes oníricos estejam constantemente em construção, uma vez que trata-se de um conhecimento dinâmico capaz de reestruturar-

se, como ocorre com algumas interpretações oníricas, que podem mudar de significados à medida que são provados. Busquei destacar, principalmente, que as dinâmicas de compartilhamento dos sonhos são essenciais na construção das relações e manutenção da coletividade Ava-guarani, na tomada de decisões, na construção de papéis sociais e na vivência infantil.

Finalmente, e me utilizando das palavras de Vargas (2007: 313) “os indivíduos recriam, atualizam e transformam ordenadamente a sua cultura enquanto dormem”, é o que acontece entre os Ava-guarani do Ocoy, para os quais os sonhos possibilitam uma conexão entre as viagens da alma e o mundo da vigília, de modo que também é capaz de conectar as vivências de mudo e os saberes de adultos e crianças, numa vasta gama de técnicas, interpretações e conhecimentos adquiridos durante os sonhos.

## Referências

- ALVARES, Myriam M. 2013. "Criança e transformação: os processos de construção de conhecimento". In: TASSINARI, Antonella, GRANDO, Beleni, ALBUQUERQUE, Marcos A. (orgs). *Educação Indígena: reflexões sobre noções nativas d infância, aprendizagem e escolarização*. Florianópolis: Editora UFSC.
- BARTOLOMÉ, Miguel & BARABAS, Alicia. 2013. *Os sonhos e os dias: Xamanismo no México Atual*. Revista Mana, v. 19 (1): 7-37.
- CODONHO, Camila. 2009 “Entre brincadeiras e hostilidades: percepção, construção e vivência das regras de organização social entre as crianças indígenas galibi-marworno”, *Revista Tellus*, ano 9, n.17:137-161.
- COHN, Clarice. 2000. "Crescendo como um Xikrin: uma análise da infância e do desenvolvimento infantil entre os Kayapó-Xikrin do Bacajá". *Revista de Antropologia*. vol.43(2): 195-222.
- COHN, Clarice. 2009. *Antropologia da criança*. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- GRAHAM, Laura R. 2018. *Performance de Sonhos: Discursos de Imortalidade Xavante*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: 360.
- GRANDO, Beleni S. 2004. *Corpo e Educação: As relações Interculturais nas práticas corporais bororo em Meruri*. Tese de doutorado - Programa de pós graduação em Educação, Universidade Federal de Santa Catarina.
- LANGDON, Esther Jean. 1999. "Representações do poder xamanístico nas narrativas dos sonhos Siona". *Revista Ilha*. n.0: 35-56.
- MAUSS, Marcel. 2003. "As Técnicas do Corpo". In: *Antropologia e Sociologia*. São Paulo: Cosac & Naify.
- MELO, Clarissa Rocha. 2008. *Corpos que falam em Silêncio: Escola, Corpo e Tempo entre os*

*Guarani*. Dissertação de mestrado. PPGAS, Universidade Federal de Santa Catarina.

NUNES, A. 2002. "O lugar das crianças nos textos sobre sociedades indígenas brasileiras". In: SILVA, A. L.; MACEDO, A. V.; NUNES, A. *Crianças indígenas, ensaios antropológicos*. São Paulo: Mari/Fapesp/Global.

SANTOS-GRANERO, Fernando. 2006. "Vitalidades sensuais: Modos não corpóreos de sentir e conhecer na Amazônia indígena", *Revista de Antropologia*, v. 49 (1): 93-121.

SEARÁ & JESUS. 2016. "Práticas corporais no cotidiano de crianças guarani: ensino e aprendizagem a partir de brincadeiras". In: SILVEIRA N. H.; MELO C. R. e JESUS S. C. (org.). *Diálogos com os Guarani: articulando compreensões antropológicas e indígenas*. Santa Catarina, Editora da UFSC: 07-09.

TASSINARI, Antonella M. 2008. "A educação escolar indígena no contexto da Antropologia brasileira". *Revista Ilha*, v.10 (1): 218-244.

\_\_\_\_\_. 2009. "Múltiplas Infâncias: o que a criança indígena pode ensinar para quem já foi à escola ou A Sociedade contra a Escola". Comunicação apresentada no 33º Encontro da ANPOCS.

VARGAS, Juan C. N. 2007. "Sueño, Realidad y conocimiento: Noción del Sueño y Fenomenología del soñar entre los Ette del norte de Colombia". *Revista Antipoda*, V.5: .293-315.

Recebido em 31 de maio de 2017.

Aceito em 04 de dezembro de 2018.